

Antonio Hohlfeldt: Perfil intelectual^{1 2}

ALINE STRELOW³

A trajetória do professor e pesquisador Antonio Hohlfeldt expressa, em muitos aspectos, a realidade do campo da comunicação como um todo. Autor de interfaces diversas, Hohlfeldt transita por áreas como as Letras, sua vocação primeira; as Artes Cênicas, paixão que se transformou em profissão; e a Política, onde fez a transição do debate teórico para os embates práticos da vida pública. A união desses interesses

-
1. Para traçar o perfil de Antonio Hohlfeldt, foi empregado o método biográfico (GOBBI, 2006), com as técnicas de entrevista em profundidade e pesquisa bibliográfica.
 2. Este texto foi publicado originalmente no livro **Teoria da Comunicação: Antologia de Pesquisadores Brasileiros, organizado por Maria Cristina Gobbi. A versão publicada aqui passou por pequenos ajustes, necessários para sua atualização.**
 3. Professora Adjunta da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pós-doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Foi orientanda do professor Antonio Hohlfeldt entre os anos de 1999 e 2001 (iniciação científica) e 2004 e 2007 (doutorado).

se dá no campo da Comunicação, onde sedimenta uma produção intelectual marcada pelo diálogo com as Artes e com as Ciências Humanas e Sociais.

Jornalismo, literatura e política

Natural de Porto Alegre (RS), Hohlfeldt nasceu em dezembro de 1948. Descobriu o gosto pelo jornalismo na adolescência. O *Correio do Povo*, principal jornal do Rio Grande do Sul à época, realizava sistematicamente uma promoção junto aos leitores, com perguntas que, se respondidas corretamente, rendiam livros. Hohlfeldt ganhou várias vezes. Tinha, então, 12 anos. Além dos livros, teve a oportunidade de conhecer a editora do jornal, Maria de Lourdes Sá Britto, que o convidou para escrever pequenas histórias para o veículo. Era a primeira experiência jornalística do autor que, mesmo trilhando diferentes caminhos profissionais ao longo da vida, jamais deixou de colaborar com os veículos de comunicação de seu estado.

O gosto pela escrita e o desejo de viver de literatura – um sonho difícil de realizar na época e ainda hoje - levaram-no à faculdade de Letras da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, curso no qual se formou aos 25 anos, em 1973. Colega de João Gilberto Noll, Caio Fernando Abreu e Regina Zilbermann, estava completamente envolvido com o curso quando decidiu largar a graduação em jornalismo, que fazia em paralelo na PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Mas foi lá, na Famecos – Faculdade de Comunicação Social da PUCRS, que viveu um de seus primeiros conflitos político-acadêmicos. Aluno regular do curso de jornalismo, criou um jornal, com os colegas Geraldo Canali, Vanderlei Cunha e Ana Amélia Lemos, entre outros, no qual criticava o diretor da faculdade, Cláudio Candiota, que pouco aparecia na universidade. A folha mimeografada e com a tímida tiragem de 50 exemplares provocou a expulsão dos alunos e, em seguida, a demissão do diretor. Alguns meses depois, Hohlfeldt e os colegas foram readmitidos, mas ele voltou para o curso por apenas mais alguns meses. Com a experiência de colaboração em jornais que acumulava, tornou-se jornalista profissional, pela regulamentação da época. Seu retorno para a Famecos se daria apenas na década de 1980, na condição de professor.

Com sua trajetória jornalística iniciada em 1968, sempre ligada ao jornalismo cultural, o autor integrou a redação do jornal *Correio do Povo*, no cultuado suplemento cultural *Caderno de Sábado*, e as equipes do jornal *Diário do Sul* e da *Revista IstoÉ*. Como assessor de imprensa, Hohlfeldt atuou em instituições como Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, Secretaria de Estado da Cultura, Desporto e Turismo do Rio Grande do Sul, Fundação Orquestra Sinfônica

de Porto Alegre e Instituto Goethe. Mesmo tendo optado pela vida acadêmica e investido na carreira política, nunca deixou o jornalismo – atualmente, assina coluna semanal no *Jornal do Comércio*, voltada à crítica teatral. Hohlfeldt é o único crítico de teatro com atividade regular em Porto Alegre. Para o exercício desta função, vai ao teatro pelo menos duas vezes por semana, acompanhando praticamente todas as produções em cartaz na cidade, de teatro adulto e infantil.

O público infantil, por sinal, é parte importante de sua produção literária. Seu primeiro livro do gênero foi lançado em 1980. A história do indiozinho **Porá**, que dá nome à obra, surgiu em uma cobertura jornalística na Reserva Indígena de Nonoai, em 1978, durante um conflito entre índios e brancos, no local. A Brigada Militar estava responsável por impedir a entrada de jornalistas, mas Hohlfeldt e o colega Murilo Carvalho entraram clandestinamente. Acabaram presos por dois dias no quartel da Brigada Militar em Porto Alegre – Hohlfeldt voltaria ao local cerca de 20 anos depois, para cumprir um compromisso de sua agenda de vice-governador do Rio Grande do Sul. A matéria foi publicada no jornal *Folha de S. Paulo* e as histórias que presenciou deram origem, então, ao livro **Porá**.

A ligação com a política também começou cedo – formalmente, no início dos anos 1980, quando se elegeu pela primeira vez vereador de Porto Alegre. Antes disso, sua atuação nessa área era restrita ao ambiente universitário – na Unisinos, na década de 1970, ele ajudou a criar a Associação de Professores, ao lado de colegas alinhados com a esquerda, e participava ativamente de grupos intelectuais contrários à ditadura.

Quando se tornou vereador, em 1982, Hohlfeldt foi o primeiro membro do Partido dos Trabalhadores (PT) eleito para um cargo público no Rio Grande do Sul. Durante 20 anos, Hohlfeldt acumulou a sua função de jornalista e professor o cargo de vereador. Em 1993, deixou o PT e filiou-se ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), sigla pela qual se elegeu vice-governador, em 2002, em aliança com Germano Rigotto (Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB). Deste período, destaca-se sua atuação no processo de *Consulta Popular* que, sob sua coordenação, aconteceu de forma totalmente informatizada. A consulta tinha como objetivo verificar, junto aos cidadãos, quais as prioridades de investimentos no orçamento do Estado.

Por questões conjunturais, Hohlfeldt saiu do PSDB em 2006, passando a integrar o PMDB⁴. Atualmente, preside a unidade gaúcha da Fundação

4. Hohlfeldt explicou a mudança em entrevista à Tatiane Carvalho (2010): “Saí do PSDB em 2006, por questões conjunturais. O então governador, Germano Rigotto, decidiu

Ulysses Guimarães e é um dos articuladores do partido em campanhas eleitorais.

Vida acadêmica

Como jornalista de ideias esquerdistas, Hohlfeldt sofria na pele as pressões dirigidas aos profissionais da imprensa durante a ditadura militar. Em 1974, optou por afastar-se do Brasil, para uma rápida experiência na Rádio Canadá International, em Montréal, onde teve a oportunidade de noticiar o que não podia ser dito pela imprensa nacional.

Em 1975, quando retorna ao país, dá início a sua trajetória como professor universitário, na Unisinos, em São Leopoldo. Lá, leciona Teorias da Comunicação, disciplina que na época se chamava Fundamentos Científicos da Informação; Cultura Brasileira, com foco no Rio Grande do Sul; e Comunicação e Psicologia Social. A disciplina de Teorias, aliás, ministrava não só para alunos da Comunicação, mas também para graduandos em Arquitetura, para os quais propunha um diálogo entre Comunicação e espaço urbano. Ainda na década de 1970, atuou como professor-convidado na UFSM – Universidade Federal de Santa Maria, onde teve, entre seus alunos, o pesquisador Adelmo Genro Filho.

É nesta época que se vincula à UCBC – União Cristã Brasileira de Comunicação Social, primeira organização acadêmica de pesquisadores brasileiros em comunicação. Embora ligada à Igreja Católica, a entidade segue um perfil ecumênico, reunindo investigadores de diferentes credos ou interesses de pesquisa, desde que voltados à Comunicação, com especial atenção à reflexão e à crítica política dos anos conturbados pelos quais o país passava, ainda imerso na ditadura militar. Hohlfeldt apresenta trabalhos e publica artigos nos periódicos da organização, desde seus primeiros números, a convite do professor José Marques de Melo, com quem, desde lá, mantém parceria de pesquisa.

Seus artigos publicados, neste período, inscrevem-se na perspectiva crítica da teoria frankfurtiana, como, é importante ressaltar, boa parte da produção brasileira em comunicação na mesma época. “O contexto de repressão colabo-

concorrer à presidência da república pelo PMDB. Com isso, eu assumiria o governo do estado (ele teria de renunciar). Imagina, eu governador do estado, no PSDB, apoiando o Serra, com um projeto paulista de governo para o país, e o Rigotto, do PMDB, como candidato, apresentando um projeto de interesse do RGS. Seria impossível: ou trairia o partido ou trairia o estado. Então, saí do PSDB e fui para o PMDB.”

rava para isso. O uso dos meios de comunicação pelo regime militar fazia com que nos identificássemos com a crítica da indústria cultural”⁵, relata. No caso de Hohlfeldt, o principal alvo de críticas era a televisão, vista por ele, naquele momento, como instrumento de alienação. Essa visão está clara em muitos de seus textos da época, assim como no capítulo *Televisão: Meio de Domínio*, do livro **Comunicação e Consciência Crítica** (LOYOLA, 1979).

Em 1977, Hohlfeldt publica sua primeira obra individual, **Mudanças – Quatro ensaios de Sociologia da Arte**, sendo bem recebido pela crítica. No ano anterior, já havia assinado, com outros autores, **Teatro Gaúcho Contemporâneo**.

Como professor, Hohlfeldt passou ainda por instituições como a Universidade de Caxias do Sul (UCS) e a Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), atuou, por duas vezes, como professor substituto (1992-1993; 1995-1996), mas no Departamento de Arte Dramática (DAD). A vinculação acadêmica com o teatro permanece, ainda, nos dias de hoje – participa de bancas de mestrado e doutorado na área, além de ministrar cursos sobre o assunto. Hohlfeldt também costuma orientar monografias de graduação, situadas na intersecção entre o teatro e a comunicação – espaço que ele próprio ocupa, através da atividade de crítico teatral.

É no início da década de 1980, que inicia suas atividades como docente na PUCRS, onde é contratado como professor horista para ministrar a disciplina Jornalismo e Literatura, ao lado de Sérgio Capparelli. Somente em 1994, Hohlfeldt assume como professor titular nesta universidade, já com Teorias da Comunicação, disciplina que que leciona até hoje no programa de pós-graduação.

Estudos de pós-graduação

Com pesquisa sobre a obra literária de Ivan Pedro Martins, Hohlfeldt defende sua dissertação de mestrado em Letras, na PUCRS, em 1991, alguns anos antes de ser contratado como professor titular da universidade. Em 1994, dá início aos estudos de doutorado, na mesma instituição, agora já transitando entre a literatura e a comunicação: seu objeto de pesquisa são os romances-folhetim, publicados na imprensa sul-rio-grandense da segunda metade do século XIX. O trabalho não tarda a ser publicado na forma de livro, com o título **Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto**

5. Entrevista realizada no dia 15/03/2010, na Famecos/PUCRS.

Alegre entre 1850 e 1900. No prefácio da obra, Affonso Romano de Sant’Anna destaca que não é possível entender o século XIX sem conhecer a história do romance-folhetim numa sociedade burguesa, que começava a se massificar. Os romances-folhetim são definidos, por Hohlfeldt (2003), como uma das primeiras aproximações, na história ocidental, da literatura e da imprensa, resultado dos avanços nas técnicas de impressão que se deram, em especial no século XIX, possibilitando a ampliação da tiragem dos periódicos.

A partir e graças ao romance-folhetim a literatura alcançou efetivo reconhecimento junto ao público, independentemente da posterior avaliação estética que se tenha vindo a fazer dos textos então publicados. E isso se deu porque os escritores de então se preocuparam em desenvolver estruturas literárias narrativas, ditas *folhetinescas*, que atingiram plena *comunicabilidade* junto ao público e, com isso, sua popularidade. No caso do Rio Grande do Sul, se considerarmos a escassez de escolaridade que se registra ainda no começo do século XIX, a quase ausência de professores e escolas públicas e, por consequência, a inexistência de qualquer tradição literária, pode-se afirmar que foi inestimável o serviço cultural prestado por nossos folhetinistas. Mais que o hábito da leitura, o romance-folhetim divulgado pelas páginas de nossos jornais inseriu o leitor num universo profundamente mais amplo, ao mesmo tempo em que tornou cotidiano o hábito da leitura (HOHLFELDT, 2003, p. 257).

Logo após receber o título de doutor, em 1998, o autor é convidado a coordenar o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Famedcos, que, na época, completava três anos. Embora não tenha tido dúvidas ao aceitar o convite, que marca sua mudança definitiva para o campo da Comunicação, Hohlfeldt confessa sempre ter desejado integrar-se ao curso de Letras. “Mas foi na Comunicação que encontrei meu espaço. E minhas pesquisas e disciplinas sempre estiveram nessa área de intersecção, entre as Letras, as Artes e a Comunicação”, diz⁶. Foi ele quem criou, no programa de Pós-Graduação da PUCRS, a disciplina *Comunicação e Lazer*⁷, na qual promovia o debate entre suas áreas de preferência, aproveitando a larga experiência de escritor, crítico literário e teatral.

Durante o período em que estive à frente deste Programa de Pós-Graduação, foi criado o curso de doutorado em Comunicação da Famedcos, em 1998, a

6. Entrevista realizada no dia 15/03/2010, na Famedcos/PUCRS.

7. A disciplina foi ministrada entre os anos 1999 e 2002.

coleção de livros do programa e reformada a *Revista Famecos*, que se tornou quadrimestral e aumentou de tamanho. Mesmo com uma vida acadêmica cada vez mais intensa, Hohlfeldt não se distancia dos veículos de comunicação, mantendo colunas em jornais e colaborando como comentarista em programas de rádio e televisão.

Vinculação teórica

Se os teóricos de Frankfurt são os principais influenciadores de sua produção acadêmica inicial, a crítica a essa escola, em especial pela desvalorização da esfera receptiva, são uma marca de seu pensamento atual, com inspiração em autores como Jesús Martín-Barbero, Nestor Garcia Canclini, José Marques de Melo e Luiz Beltrão. É através da leitura de Barbero que traça a análise dos romances-folhetim em sua tese doutoral, empregando o conceito de *estratégia de comunicabilidade*.

Para Martín-Barbero, assim como para Gramsci, “o folhetim é uma forma de encontro do intelectual com o povo” (p. 188). Ele “aponta e denuncia as contradições atrozes da sociedade, mas no mesmo movimento trata de resolvê-las sem mexer no leitor; a solução corresponderá àquilo que ele [leitor] espera e assim há de lhe devolver a paz (p. 189). Para que isso seja possível, é necessário que se guarde algo da *narração primitiva* de que fala Northrop Frye, através de uma permanente ritualização da ação (p. 189). Ela cria um vínculo evidente com uma “família de histórias que se situa numa lógica da obra e sua originalidade, a que Martín-Barbero denomina então estrutura de gênero” (p. 190): “a partir desta perspectiva, os recursos técnicos não remetem apenas a certos formatos industriais e a certas estratégias comerciais, mas também a um *modo outro de narrar* (grifo nosso). Essa perspectiva nos distancia da abordagem sempre preconceituosa com que, desde a contemporaneidade do folhetim, e depois muito especialmente a partir da Escola de Frankfurt, sobretudo com Theodor Adorno e Max Horkheimer, costuma-se estudar o tema (HOHLFELDT, 2003, p. 65).

Enquanto encarado como *estratégia de comunicabilidade*, o gênero torna-se, também, uma estratégia de *interação*, levando o pesquisador a reconhecer que a competência da narrativa não se encontra unicamente na esfera da emissão, mas está também na recepção. A leitura, na visão de Barbero, esposada por Hohl-

feldt, é um momento de negociação. Em diálogo com Roland Barthes (1978), os gêneros não são abordáveis em termos de semântica ou sintaxe; exigem a construção de uma pragmática, que pode dar conta de como opera seu reconhecimento numa comunidade cultural. Fica clara, aqui, uma inscrição teórica que se diferencia bastante da exposta nos primeiros trabalhos de Hohlfeldt, em especial no que diz respeito à recepção, à cultura e ao processo comunicacional.

Entre seus autores brasileiros de referência, a admiração pelo trabalho pioneiro de Luiz Beltrão fez de Hohlfeldt um dos incentivadores das pesquisas sobre *folkcomunicação* no Brasil, considerada por ele a única teoria da comunicação genuinamente brasileira. Em 2001, publicou, pela EDIPUCRS, a tese original do autor, **Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**, para a qual escreveu um ensaio de apresentação, abordando aspectos das reflexões sobre jornalismo de Beltrão.

Seus estudos, hoje, situam-se em três áreas principais: Teorias da Comunicação, Estudos de Jornalismo e Comunicação e Política. Na primeira, disciplina que marca sua entrada no mundo acadêmico, é um dos autores da obra **Teorias da Comunicação – Conceitos, Escolas e Tendências**, ao lado de Luiz C. Martino e Vera Veiga França, em 9ª edição (2010). O livro, que supre uma lacuna na produção nacional, carente, até seu lançamento, de obras que reunissem as principais teorias da área, desde um ponto de vista brasileiro, tornou-se livro-texto da disciplina, tanto em nível de graduação, quanto de pós-graduação, além de entrar para a bibliografia básica de concursos públicos e de seleções de mestrado e doutorado, em todo o país. A produção do autor, nessa área, atualmente, aproxima-o de uma Teoria Cultural da Comunicação. Nesta área, ainda, Hohlfeldt desenvolve, com Luiz C. Martino, Giovandro Ferreira e Osvando Moraes, um mapeamento do ensino de Teoria da Comunicação em Instituições de Ensino Superior no Brasil, financiado pela Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Nos estudos de jornalismo, suas pesquisas partem da história da imprensa no Rio Grande do Sul em direção ao desbravamento da história da imprensa luso-brasileira. Suas contribuições para a investigação da imprensa e do jornalismo gaúcho são variadas – desde sua tese de doutorado que, como mencionado, tem como objeto os romances-folhetim publicados neste estado, no século XIX, passando pela memória de jornais e jornalistas de referência, além da trajetória jornalística de escritores gaúchos. Estes estudos, no geral, são empreendidos através de bolsas de iniciação científica, concedidas a alunos de graduação ou em cooperação com alunos bolsistas dos cursos de mestrado e doutorado da Famescos. A história dos jornais *A Federação*, *Jornal O Dia* e *Última Hora*, da *Revista Comunicação*, e de Oswaldo Goidanich e Roberto Eduardo Xavier, pio-

neiros da comunicação no Rio Grande do Sul, foram contadas pelo pesquisador, através de trabalhos desenvolvidos nestes moldes.

Quando ingressa no Pós-Doutorado, na Universidade Fernando Pessoa, no Porto (Portugal), em 2007, sob orientação do professor Salvato Trigo, Hohlfeldt inicia sua incursão pela história da imprensa luso-brasileira, tendo como objeto de estudo os primeiros jornais publicados nas colônias portuguesas da África e da Ásia. A pesquisa lá iniciada tem gerado uma série de artigos e palestras em congressos da área. Trata-se de uma temática sobre a qual há escassos registros, configurando-se, assim, a pesquisa realizada por Hohlfeldt como pioneira no assunto. Em uma de suas primeiras reflexões a respeito, ele salienta:

Não conheço obra que, no âmbito da história da imprensa do jornalismo português ou do jornalismo brasileiro, tenha dado especial atenção às colônias que, em África ou Ásia, também receberam a presença portuguesa e, por decorrência, em algum momento igualmente experimentaram a imprensa e o jornalismo, mesmo desde os tempos de colonização. Este estudo está por ser feito, e a ele passei a me dedicar, recentemente, instigado e orientado por Salvato Trigo⁸. De modo geral, os estudos sobre imprensa portuguesa dão destaque apenas ao Brasil⁹. Quanto às histórias da imprensa brasileira, não fazem nenhuma menção à existência de uma imprensa que, contemporânea a ela, desenvolveu-se nas demais colônias de Portugal (HOHLFELDT, 2008, p. 1).

Assim como fez em seus estudos sobre a imprensa no Rio Grande do Sul, dedicando-se à memória de jornais e jornalistas, Hohlfeldt tem feito o mesmo esforço em relação à imprensa luso-brasileira. Seus trabalhos recentes (*Síntese histórica da imprensa moçambicana*, 2009; e *Pioneiros da imprensa em Moçambique: João Albasini e seu irmão*, 2009) demonstram essa preocupação. Os estudos do autor, como pode se depreender até aqui, constituem análises e interpretações da história, tendo como objeto de pesquisa a imprensa sul-rio-grandense ou luso-brasileira.

-
8. Trata-se de projeto de Pós-doutorado, desenvolvido sob o patrocínio da CAPES, entre abril e julho de 2008, junto à Universidade Fernando Pessoa, sob a orientação do Dr. Salvato Trigo. A pesquisa buscou localizar, levantar e analisar todos jornais de colônias portuguesas que integram o valioso acervo da Biblioteca Pública Municipal do Porto. A investigação conta, hoje, com financiamento do CNPq.
 9. Exceção parcial cabe a TENGARRINHA, José – *História da imprensa periódica portuguesa, Lisboa, Caminho. 1989.*

Ainda no campo da História, Hohlfeldt coordena o Núcleo de Pesquisa de História do Jornalismo da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, entidade a qual preside (2008-2011), e mantém, há pelo menos dois anos, propostas de comunicações coordenadas temáticas nos encontros anuais da SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Na Famecos, é o responsável, também, pela coordenação do Nupecc – Núcleo de Pesquisas em Ciências da Comunicação, onde, entre outras atividades, tem incentivado a digitalização de coleções completas de jornais e revistas, compondo um rico acervo digital para estudos históricos de imprensa. Em 2009, o professor foi convidado a ministrar curso sobre os romances-folhetim franceses e brasileiros na Universidade Paul Valéry III, na França.

Sua vinculação estreita com o campo político fez desta área um de seus interesses de estudo. Com palestras e cursos ministrados sobre o assunto, Hohlfeldt já orientou uma série de trabalhos de graduação, mestrado e doutorado sobre Comunicação e Política.

Sua produção acadêmica e literária é composta por 27 livros, mais de 50 capítulos de livros, mais de 50 artigos publicados em revistas científicas, mais de 400 artigos publicados em jornais e revistas, participação em mais de uma centena de eventos e 14 prêmios. Entre seus prêmios e distinções profissionais, destacam-se o Prêmio Luiz Beltrão – Maturidade Acadêmica (2007), a escolha como Patrono da 53ª Feira do Livro de Porto Alegre, pela Câmara Rio-grandense do Livro (2007), e o Prêmio Intelectual do Ano (2010), concedido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Ao todo, como professor, já orientou mais de 120 trabalhos de conclusão de curso, mais de 30 dissertações de mestrado e teses de doutorado. Em 2009, Hohlfeldt também passou a exercer o cargo de pesquisador nível 2, junto ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Liderança acadêmica

Em setembro de 2008, Hohlfeldt assumiu a presidência da Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, substituindo o atual presidente de honra, José Marques de Melo. Reeleito para a gestão 2011-2014, está à frente da diretoria integrada por Marialva Carlos Barbosa, vice-presidente; *Fernando Ferreira de Almeida*, diretor financeiro; *José Carlos Marques*, diretor administrativo; Raquel Paiva, diretora científica; *Rosa Maria Cardoso Dalla Costa*, diretora cultural; *Osvando José de Moraes*, diretor editorial; *Nélia Rodrigues Del Bianco*, diretora de documentação; Adolpho Queiroz, diretor de projetos; Sonia

Virgínia Moreira, diretora de relações internacionais; Maria Ataíde Malcher, diretora regional Norte; Moacir Barbosa de Sousa, diretor regional Nordeste; Ana Carolina Temer, diretora regional Centro-Oeste; Iluska Coutinho, diretora regional Sudeste; Paula Puhl, diretora regional Sul. Sua meta frente à Intercom é incentivar a pesquisa colaborativa, o crescimento dos núcleos de pesquisa, e o diálogo entre os investigadores e estudantes da área, localizados nos mais diversos pontos do Brasil, além de aproximar ainda mais a instituição de organismos internacionais, para criar novos espaços para as pesquisas realizadas no país. Antes de assumir a presidência da Intercom, Hohlfeldt foi coordenador do seu Núcleo de Pesquisa de Jornalismo (2006-2007). De 2009 a 2010, coordenou o Grupo de Pesquisa em História do Jornalismo da instituição. O pesquisador também é sócio-fundador da SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.

Conclusão

Traçar o perfil intelectual de um pesquisador multifacetado como Antonio Hohlfeldt é tarefa árdua. Mesmo tentando interpretar sua trajetória sem deixar de lado nenhum de seus vieses, sempre fica a sensação de que algo mais poderia ser dito. Ao realizar a pesquisa aqui exposta e desenvolver este texto, conto, também, com minha percepção sobre o autor, construída em mais de dez anos de trabalho em conjunto.

Iniciei minha trajetória no campo da pesquisa científica em 1999, como a primeira orientanda de iniciação científica do professor Hohlfeldt. Traduza para o português contemporâneo os romances-folhetim analisados em sua tese de doutorado. Anos depois, quando ingressei no doutorado, voltei a ser sua orientanda e, hoje, mesmo terminado o curso, seguimos desenvolvendo pesquisa em colaboração, especialmente no campo da história da imprensa e da metodologia da pesquisa. Faço este breve relato porque, das múltiplas facetas de Antonio Hohlfeldt, creio que se sobressai a figura do professor. Do educador que se responsabiliza pelo crescimento de seus alunos, que prioriza o compartilhamento de seu saber, não apenas com os pares, mas em especial com aqueles que iniciam seus estudos no campo da Comunicação.

Seu esforço para incentivar os alunos para a busca do conhecimento, para despertar neles o gosto pela pesquisa, encontra eco em seu primeiro personagem de literatura infantil, **Porá**:

E Porá então entendeu que os índios não podiam morrer mesmo, que era exatamente como o chefe tinha dito. Que poderia passar muito tempo,

mas eles eram como aquelas línguas de fogo que ele via. Quando menos se esperasse, um ventinho passava por ali e eles começavam a viver de novo, com toda a força. E Porá resolveu voltar para a escola, naquela mesma manhã. Esta era sua missão e ele iria cumpri-la. Apesar de seus dez anos, ele entendeu que poderia ser aquele ventinho a animar a fogueira quase extinta, ressuscitá-la para a vida. (HOHLFELDT, 2000, p. 38)

Referências

CARVALHO, Tatiane. *O pensamento comunicacional de Antonio Hohlfeldt: O gaúcho de múltiplas trajetórias intelectuais*. Trabalho realizado para a disciplina Seminários da Ciência da Comunicação, ministrada pelo professor José Marques de Melo, na Universidade Metodista de São Paulo. Mimeo. 2010.

GOBBI, Maria Cristina. *Método biográfico*. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

HOHLFELDT, Antonio; VALLES, Rafael Rosinato. **Conceito e história do jornalismo brasileiro**. 1ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

____; VALLES, Rafael Rosinato. **Dois pioneiros da comunicação no Rio Grande do Sul: Oswaldo Goidanich e Roberto Eduardo Xavier**. 1ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

____; GOBBI, Maria Cristina (org.). **Teoria da comunicação - Antologia de pesquisadores brasileiros**. 1a.. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

____; MARTINO, Luiz C.; FRAÇA, Vera (org.). **Teorias da comunicação - Conceitos, escolas e tendências**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

____. **Deus escreve direito por linhas tortas – O romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

____. **Porá**. Porto Alegre: WS Editor, 2000.

____. **Teatro gaúcho contemporâneo**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa, 1976.

____. **Mudanças**. Caxias do Sul/Porto Alegre: UCS/EST, 1977.

____. *Imprensa das colônias de expressão portuguesa: Primeira aproximação*. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa em Jornalismo da INTERCOM. 2008.

_____. *Imprensa das colônias de expressão portuguesa: Principal bibliografia*. Trabalho apresentado na sessão coordenada *200 anos da imprensa brasileiro: Apresentando algumas referências* do 6º Encontro da SBPJor – 2008.

_____. *Síntese histórica da imprensa moçambicana: Tentativa de interpretação*. Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa em Jornalismo da INTERCOM. 2009.

_____. *Pioneiros da imprensa em Moçambique: João Albasini e seu irmão*. Trabalho apresentado na sessão coordenada *Personagens e personalidades da história do jornalismo* do 7º Encontro da SBPJor – 2009.

MARTINS, Sílvia Koch Martins. *Antonio Hohlfeldt*. In MELO, José Marques de Melo; RAHDE, Maria Beatriz F. (org.). **Memória das Ciências da Comunicação no Brasil – O grupo gaúcho**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.